



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CURSO DE PEDAGOGIA

NATÁLIA BEATRIZ GALVÃO CAMPOS

**MODERNIDADE LIQUÍDA
E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS INFÂNCIAS NA ERA DIGITAL**

JOÃO PESSOA- PB

NOVEMBRO DE 2018

NATÁLIA BEATRIZ GALVÃO CAMPOS

**MODERNIDADE LIQUÍDA
E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS INFÂNCIAS NA ERA DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciatura no Curso de Pedagogia. Sob a orientação da Professora Dra. Nádia Jane de Sousa.

JOÃO PESSOA- PB

NOVEMBRO DE 2018

Catálogo na publicação

Seção de Catalogação e Classificação

C198m Campos, Natalia Beatriz Galvao.

Modernidade Líquida e a Construção de Novas Infâncias
na Era Digital / Natalia Beatriz Galvao Campos. - João
Pessoa, 2018.

46 f.

Orientação: Nádia Jane de Sousa.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Infâncias. Modernidade Líquida. Cyberinfâncias. I.
de Sousa, Nádia Jane. II. Título.

UFPB/BC

TERMO DE APROVAÇÃO

NATÁLIA BEATRIZ GALVÃO CAMPOS

MODERNIDADE LÍQUIDA E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS INFÂNCIAS NA ERA DIGITAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

RESULTADO: Aprovada NOTA: 9,0

João Pessoa, 06 de Novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Nadia Jane de Sousa

Prof.^a Dr.^a Nádia Jane de Sousa

(Orientadora – UFPB/CE)

Carlos Eduardo Rebuá Oliveira

Prof. Dr. Carlos Eduardo Rebuá Oliveira

(Examinador da banca – UFPB)

Thalyta de Paula P. Lima

Prof.^a Dr.^a Thalyta de Paula Pereira Lima

(Examinadora da banca – UFCG)

Dedico este trabalho à minha avó,
Maria Dail Bezerra Campos, que fez
o meu sonho ser o dela também.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao meu Criador, que me permitiu fechar mais um ciclo em minha vida e é quem tem sido minha força desde o momento em que cheguei a este mundo.

À minha família, que tem me dado todo cuidado e carinho. Em especial à minha avó, Maria Dail, que sempre acreditou em mim, quando muitas vezes deixei de acreditar. Aos meus pais, João Jerry Campos e Estela Mendes Galvão Campos, que sempre batalharam pela minha formação e sempre me deram o melhor que podiam, e que construíram esse caminho junto comigo. Ao meu irmão, Daniel Calebe, que foi o melhor presente que eu pude receber nessa vida, e é quem tem sido a principal alegria dos meus dias. Por fim, ao meu querido primo, Júlio César Campos, que cresceu ao meu lado, e tem sido o meu fiel companheiro.

Agradeço a aqueles que apesar de não terem laços sanguíneos, resolveram permanecer ao meu lado. Nathália Beatriz, parceira de nome e amiga de coração, e é quem segura a minha mão quando as inseguranças da vida batem à porta. A minha amiga de infância e irmã de coração, Beatriz Brito, que sempre consegue vê o que há de bom em mim. Aos irmãos, Matheus Melo e Lucas Melo, que eu não posso exprimir em palavras a importância em minha vida, mas sempre serei grata por tudo o que fazem por mim. Vocês são os melhores amigos que alguém poderia ter.

Minhas colegas de curso e amigas: Josuely Santana, Olívia Albuquerque e Taise Brasileiro, agradeço por termos vivido um sonho juntas nessa caminhada tão árdua, mas que ao lado de vocês ficou bem mais leve.

À minha professora orientadora, Nádia Jane, que com a maior alegria me recebeu e foi fundamental para o meu processo de construção na vida acadêmica. Ao meu professor de sociologia do ensino médio, Emmanuel Rufino, que me apresentou o brilhante pensamento de Bauman.

Vocês foram fundamentais para ser tudo o que sou hoje.

“Nós somos responsáveis pelo outro, estando atento a isto ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas.”

Zygmunt Bauman

RESUMO

As mudanças trazidas pelas sociedades contemporâneas modificaram a forma de pensar o mundo, principalmente, de pensar a infância. Devido a esse contexto, faz-se importante conhecer os movimentos da sociedade gerados pela globalização. Como reflexo da globalização, podemos perceber algumas características na sociedade, como: a valorização da posse de bens materiais em relação aos valores humanos e o aumento do consumismo infantil, mudanças que ocorreram ao longo da história. A proposta dessa pesquisa é mapear alguns desafios na consideração da infância, tendo em vista as discussões acerca da formação da identidade da criança no contexto contemporâneo, denominado por Bauman como modernidade líquida. Em seguida, analisar, de um modo geral, paradigmas modernos que interferem no olhar sobre a infância e a sociedade em que estão inseridas. Como resultado notou-se que com a explosão da era digital, os modos de vida modificaram-se, criaram-se novos costumes, novos olhares que produzem novas e variadas infâncias.

Palavras-chave: Infâncias; Modernidade Líquida; Cyber-infâncias.

ABSTRACT

The changes brought by contemporary societies have modified the way of thinking the world, especially of thinking about childhood. Due to this context, it is important to know the movements of society generated by globalization. As a reflection of globalization, we can perceive some characteristics in society, such as: the valuation of the possession of goods matters in relation to human values, and the increase of child consumerism, changes that occur throughout history. The proposal of this research is to map some challenges in the conception of childhood, in view of the discussions about the formation of the child's identity in the contemporary context, called by Bauman as liquid modernity. Then, analyze in a general way, modern paradigms that interferes in the look on the childhood and the society in which they are inserted. As a result, it was noted that with the explosion of the digital age, the ways of life were modified, new customs were created, new looks that produce new and varied childhoods.

Key words: Childhood; Liquid Modernity; Cyber-infances.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
3 BAUMAN E A MODERNIDADE LÍQUIDA.....	17
3.1 SOBRE ZYGMUNT BAUMAN.....	17
3.2 O NASCIMENTO DA MODERNIDADE.....	18
3.3 O QUE É MODERNIDADE LÍQUIDA?.....	21
3.4 CONSUMISMO À LUZ DA MODERNIDADE LÍQUIDA.....	24
3.5 RELAÇÕES LÍQUIDAS.....	27
4 CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE INFÂNCIA.....	31
4.1 UMA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA.....	31
4.2 CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS DA CRIANÇA.....	35
5 A CONSTRUÇÃO DE NOVAS INFÂNCIAS NA ERA DIGITAL.....	37
5.1 INTERNET: A VEIA AORTA DA ERA DIGITAL.....	37
5.2 MODERNIDADE LÍQUIDA E AS NOVAS INFÂNCIAS EM CONSTRUÇÃO.....	39
.	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por título: “Modernidade Líquida e a Construção de Novas Infâncias na Era Digital” e aborda a temática da constituição da infância nos dias de hoje. Busca mapear alguns desafios na consideração da infância, tendo em vista as discussões acerca da formação da identidade da criança no contexto contemporâneo, denominado por Bauman como modernidade líquida. Em seguida, analisar, de um modo geral, paradigmas modernos que interferem no olhar sobre a infância e a sociedade em que estão inseridas. Assim como busca identificar as principais mudanças que ocorram na infância com chegada da globalização em nossa sociedade, analisar como a era digital produziu uma nova infância discutir a relação criança x consumo.

O problema dessa pesquisa é, portanto, “Como a era digital está construindo novas infâncias?”. As mudanças trazidas pelas sociedades contemporâneas modificaram a forma de pensar o mundo, principalmente, de pensar a infância. Devido a esse contexto, faz-se importante conhecer os movimentos da sociedade gerados pela globalização. Como reflexo da globalização, podemos perceber algumas características na sociedade, como: mercantilização da vida, desigualdade social, individualismo, e mudanças que ocorreram ao longo da história.

Para discutir as questões apontadas, esse trabalho será constituído: no primeiro capítulo, o trabalho faz uma menção bibliográfica acerca do autor Zygmunt Bauman, pois o mesmo toma destaque ao longo do trabalho por elaborar críticas à sociedade moderna que se faz necessário no desenvolvimento desse escrito. Em seguida, o capítulo trata sobre a modernidade e sua história e culmina abordando a modernidade líquida e as suas interferências em nossa comunidade moderna.

No segundo capítulo, a concepção histórica do sentimento de infância é apresentada em diferentes significados ao longo da história, a partir das relações sociais e não apenas em função das especificidades da criança.

O capítulo final busca fazer um elo entre os capítulos anteriores. Onde se trata sobre a internet como a veia pulsante da era digital e ela como principal meio de interação

e entretenimento no meio infantil. Em seguida, aborda como as infâncias que estão sendo configuradas em um novo cenário formado pela chegada dos adventos tecnológicos em uma sociedade moderna.

Diante das informações mencionadas, uma pesquisa envolvendo a discussão da infância contemporânea na modernidade líquida de Bauman se mostra extremamente relevante, tendo em vista que é um tema bastante escasso na literatura brasileira, e um tema pouco discutido, onde há uma profunda lacuna no ponto de vista teórico e por tais razões essa pesquisa se mostra de fundamental importância. Ainda mais considerando o recorte que se busca dar nesse contexto que é compreender como se dá o conceito da infância na modernidade apresentada por Bauman.

Do ponto de vista pedagógico, uma pesquisa que envolve as concepções da infância contemporânea sobre a perspectiva de Bauman é de extrema importância uma vez que no processo de formação do estudante de pedagogia pouco se discute essa abordagem defendida pelo autor, talvez em razão de ser um teórico que não faz parte do campo da pedagogia. É necessário compreender o conceito de infância moderna, mesmo sendo pela perspectiva de Bauman, porque vai trazer para o estudante de pedagogia uma concepção analisada por um autor formado no campo da sociologia.

Este trabalho procura questionar a respeito de como estão se configurando as infâncias a partir de uma era informatizada, consumista, e individualista, valores estes que a cultura capitalista marca na vida moderna. É necessário estar atento aos movimentos sociais, pois produzem marcas na subjetividade.

Nesse sentido, essa pesquisa visa trazer uma contribuição para o campo da teoria pouco explorada, tendo em vista que foram feitas pesquisas prévias tanto na internet como em acervos físicos da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e poucas coisas foram encontradas sobre a temática.

Entender a relação entre a criança e a internet, é importante para o indivíduo que está sob o processo de formação docente e, mais ainda, para quem está no

exercício da função, que não sabe lidar com os avanços tecnológicos de nossa sociedade que aos poucos introduz uma *nova infância*.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho teve por base uma pesquisa de natureza qualitativa de cunho bibliográfico, com o intuito de identificar e analisar as disposições e perspectivas contidas na abordagem do tema proposto. Este método utiliza-se de documentos, livros, teses, dissertações, cadernos de pesquisa, materiais disponibilizados pela internet para análise e investigação de valores informativos. De acordo com Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21 e 22).

Já para Lara (2011, p.166) “a pesquisa bibliográfica apresenta quatro etapas: identificação, localização, compilação e fichamento”. O primeiro compete-se ao recolhimento de pesquisas sobre o tópico relacionado à temática investigada. Na etapa da localização selecionam-se as obras específicas a fim de adquirir informações necessárias. A compilação “caracteriza-se como a fase da obtenção e reunião do material desejado” (LARA apud MOLINA, 2011, p. 167). O fichamento compete às anotações de escritos principais do trabalho. Os autores advertem que o método bibliográfico não se limita à busca pela verdade, é necessário um pensamento reflexivo e tratamento científico dos trabalhos analisados.

A pesquisa teórica envolveu principalmente as obras de Bauman, Ariès e Dornelles, que correspondem às temáticas: modernidade líquida, concepção de infância e cyber-infância. Foram apontadas como obras fundamentais no trabalho: Modernidade Líquida (2001), História Social da Criança e da Família (1973) e Infâncias que nos escapam (2008).

Para chegar ao cerne do trabalho, que se trata das construções de novas infâncias na era digital, primeiro se fez necessário discutir o surgimento da modernidade, para se entender do que se tratava a modernidade líquida, evidenciada ao longo do trabalho. Por conseguinte, foi evidenciada a história do sentimento de infância, e suas várias mudanças ocorridas ao longo de nossa história. Para assim poder

analisar as infâncias que se inserem na modernidade líquida em um mundo envolvido pelos adventos tecnológicos.

Ao final da pesquisa bibliográfica foram relacionados os resultados obtidos aos estudos encontrados com a produção acadêmica vista ao longo do trabalho sobre modernidade e novas infâncias. Com finalidade de evidenciar a fecundidade da pesquisa proposta e as lacunas teóricas ainda existentes na área da pedagogia. Na sessão seguinte é apresentada a construção da ideia de modernidade.

3 BAUMAN E A MODERNIDADE LÍQUIDA

O foco principal desse capítulo é apresentar o autor principal desse trabalho e discutir sobre a modernidade, e como ela, de acordo com Bauman, se tornou liquefeita. A modernidade líquida tem latente uma indefinição sobre o futuro de homens e mulheres. A globalização engendrou um mundo em descontrole no qual o capital é leve e transita com assustadora facilidade. As pessoas assumem essas características, o que faz com que a incerteza seja mais pungente na atualidade, tornando o aprofundamento nas relações, que se constrói durante esses deslocamentos, algo raro.

3.1 SOBRE ZYGMUNT BAUMAN

Zygmunt Bauman foi um sociólogo nascido em 1925, em Poznań, Polônia. Ficou conhecido por ser o pai da *Modernidade Líquida*. Bauman compartilhou o seu olhar crítico e minucioso sobre os novos fenômenos começaram a se desencadear com a chegada de uma nova era em nossa sociedade. Criou a expressão “Modernidade Líquida” para classificar a fluidez do mundo onde os indivíduos não possuem mais padrão de referência.

Em 1939, junto com sua família judia, fugiu da invasão das tropas nazistas na Polônia e se refugiou na União Soviética. Alistou no exército polonês na frente soviética. Em 1940 filiou-se ao partido comunista da Polônia. Em 1945 entrou para o Serviço de Inteligência Militar, onde permaneceu durante três anos.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, Bauman voltou para Varsóvia, onde conciliou sua carreira militar, e seus estudos acadêmicos com a militância no Partido Comunista. Estudou Sociologia na Academia de Política e Ciências Sociais de Varsóvia. Casou-se com Janina Bauman, uma judia que sobreviveu aos horrores do holocausto nazista. Bauman viveu com Janina (também escritora) até sua morte em 2009.

Bauman ingressou no mestrado na Universidade de Varsóvia. Em 1950, deixou o partido comunista da Polônia. Em 1953 foi expulso do Exército de seu país. Concluiu o seu mestrado em 1954, e tornou-se professor auxiliar de Sociologia na mesma universidade. Durante vários anos se manteve próximo ao pensamento

marxista, mas depois passou a fazer severas críticas ao governo comunista da Polônia, sofrendo perseguições durante 15 anos.

Em março de 1968, uma série de manifestações de professores, estudantes e artistas que lutavam contra a censura do regime, resultou na expulsão antissemítica que obrigou muitos poloneses de origem judia a deixarem o país. Bauman e sua mulher foram expulsos da Polônia. Exilado em Israel, lecionou na Universidade de Tel-Aviv.

Em 1971, onde foi requisitado para lecionar Sociologia na Universidade de Leeds, na Inglaterra, onde também coordenou o departamento de sociologia da Universidade até sua aposentadoria, em 1990, onde se tornou professor emérito. Zygmunt Bauman faleceu em Leeds, Inglaterra, no dia 9 de janeiro de 2017. Em todo seu conhecimento, Bauman nos deixa um legado vasto e um novo modo de olhar a modernidade em todas as suas gamas de constantes variações.

3.2 O NASCIMENTO DA MODERNIDADE

Para entender melhor a *modernidade líquida*, se faz necessário compreender primeiro o que se entende por modernidade. O nascimento da modernidade aconteceu diante da necessidade de novas estruturas que surgiram para atender as ideologias da classe dominante, ou seja, a burguesia. O surgimento e fortalecimento dessa classe social estimularam novos modelos de compra e venda cujo objetivo era apenas gerar riquezas. Para Habermas,

O conceito de modernização refere-se a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal e, à secularização de valores e normas (HABERMAS, 2002, p.05).

Sendo assim, os séculos XV e XVI são cenários do surgimento ou nascimento da Idade Moderna. Deste modo, eventualidades inusitadas marcaram esse período como um meio de mudança e transformações em relação à sociedade feudal, tais como: o comércio irrompe como meio de sustento, e as rotas marítimas voltam-se

para o centro desta nova organização, o Atlântico, tendo como consequência a povoação europeia nas Américas.

Ponderando essas transformações, a modernidade inflama o rompimento com características privativas da Idade Média. Como pontua Cambi,

[...] com a modernidade prepara-se o declínio e depois o desaparecimento daquela sociedade de ordens que tinha sido típica justamente da Idade Média e que negava o exercício das liberdades individuais para valorizar, ao contrário, os grandes organismos coletivos (a Igreja ou o Império, mas também a família e a comunidade), favorecendo o bloqueio de qualquer mudança e intercâmbio social (CAMBI, 1999, p.208).

Essa quebra com a estrutura medieval ocorreu em todos os âmbitos da sociedade: o homem passa a fixar-se na vida urbana e mudanças no cenário geográfico, econômico e social promoveram novas conjunturas e imposições para a sociedade. Nesse andamento, como influência do humanismo renascentista, o homem volta-se para a busca do prazer, partindo do pensamento de que o mesmo podia servir a Deus, mas também podia gozar a vida. Cresce uma preocupação com o cultivo das artes, da estética e da razão. A modernidade volta-se para o conhecimento científico, procurando reorganizar a escola, como também racionalizar o ensino, criando métodos e preocupando-se com o currículo escolar. De acordo com Cambi,

[...] a modernidade começa uma retomada da Paidéia clássica e da sua ideia de cultura, literária e retórica, histórica e humanística [...], o desenvolvimento da cultura moderna que se vinha ativando com este processo manifestará também outras dimensões: políticas, religiosas, científicas. Estas, gradativamente, procurarão espaço no curriculum formativo (CAMBI, 1999, p. 196).

Sob essa influência, a educação obteve função primordial para uma comunidade que estava em ascensão para o desenvolvimento. É no pensamento de Comênius que é declarado a renovação do homem através da educação. O pensamento racional da idade moderna levou ao crescimento do sistema liberal pelo qual o capitalismo se alargou. Por isso, as regras morais educacionais desenvolvidas eram voltadas unicamente para o indivíduo, para fins de interesses econômicos ou em favor do regime burguês. Portanto, caracterizada pelo viés individualista.

Compreende-se também que a Idade Moderna conheceu a luta pelo espaço social, político e ideológico da burguesia. Assim, concepções de universidade, estatalidade,

laicidade, são termos desenvolvidos e utilizados por ela, que encontrou na racionalidade sua base ideológica de ascensão social.

Ao mesmo tempo em que a modernidade desbrava este novo modo de viver e pensar, ela mesma lança a vida humana num mundo de contradições e diferenças. Expandiu um novo meio de produzir (indústria) e de viver (democracia). Mas ao mesmo tempo, foi responsável por aprisionar o próprio homem transformando o seu caráter. Torna-se um ser individualista, que vive em função de atender as necessidades do seu próprio desenvolvimento. Para Berman:

Onde quer que o processo ocorra, todas as pessoas, coisas, instituições e ambientes que foram inovadores e de vanguarda em um dado momento histórico se tornarão a retaguarda e a obsolescência no momento seguinte. Mesmo nas partes mais altamente desenvolvidas do mundo, todos os indivíduos, grupos e comunidades enfrentam uma terrível e constante pressão no sentido de se reconstruírem, interminavelmente; se pararem para descansar, para ser o que são, serão descartados. (BERMAN, 1986, p.77).

Assim, a vida moderna, com a indústria e a democracia, criou toda uma nova condição de sociedade. Esta condição, que embora foi se transformando em função do desenvolvimento econômico, resultou na universalização da educação básica no final do século XIX. Estas mudanças redimensionaram tanto a educação quanto os novos protagonistas (a mulher, a criança), que até então eram postos em um plano secundário. Portanto, a modernidade criou a concepção de criança como um ser diferente, importante e respeitável, em contraposição a uma concepção da criança como pequeno adulto. Por isso, a importância de compreendermos a criança neste processo de desenvolvimento, no qual o seu sentimento é concebido e torna-se alvo do investimento afetivo e educacional.

A partir dessa compreensão do que se entende por período moderno, onde a sociedade foi moldando-se a novos meios de vida social, o sociólogo Zygmunt Bauman traz um novo olhar sobre a modernidade, onde a chama de “Modernidade Líquida”.

3.3 O QUE É MODERNIDADE LÍQUIDA?

A modernidade surge do desejo do desenvolvimento. Neste novo cenário, a cultura moderna, no seu âmbito de desenvolvimento, alcança seu triunfo na arte e no pensamento, principalmente no século XIX. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventuras inesperadas, poder, alegria, crescimento, transformação individual e transformação das coisas em redor.

No entanto, este mesmo sentimento de aventura, poder, alegria, descoberta e liberdade, que impulsiona a cultura moderna para a unidade humana, em que não há restrições geográficas, religiosas, raciais, ideológicas, que tem o objetivo de unir a raça humana, é a mesma modernidade que estabelece uma relação de contradição: lança-nos a todos num mar tempestuoso de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia.

Para Bauman (2001) o momento presente pode ser caracterizado como a era da liquefação do projeto moderno, a modernidade líquida. Segundo esse autor, desde o século XIX, já com Marx e Engels, mas também com muitos outros pensadores, a modernidade era tida como um processo social, econômico, político e cultural amplo que ao longo de sua caminhada histórica derretia todos os sólidos existentes. O grupo de parentesco, a comunidade tradicional fechada e isolada, os laços e obrigações sociais fundados na afetividade e na tradição, a religião, dentre outros, foram, de certa forma, derretidos pelo progresso moderno. Esse processo pode ser expresso na frase clássica de Marx, “tudo que é sólido se desmancha”.

A modernidade líquida, segundo Bauman (2001, 2004, 2007) é o estágio contemporâneo da modernidade e deve se entendida como parte desta, e não como uma continuação. Isso porque o que caracterizava a modernidade e a difere de outras formas de convívio humano é “a compulsiva e obsessiva, continua e irrefreável e sempre incompleta modernização, a opressiva e erradicável, insaciável sede de destruição criativa”. (BAUMAN, 2001, p.36).

Ou seja, a modernidade é um estágio de mudanças e de transformações em busca da substituição dos modelos já ultrapassados por novos e melhores.

O termo modernidade líquida é designado para caracterizar essa atual fase da modernidade e pode se entendida melhor a partir do significado de fluidez. A fluidez é uma qualidade de líquidos e gases. De acordo com Bauman:

O que os distingue dos sólidos, como a Enciclopédia Britânica, com autoridade que tem nos informa, é que eles não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis e assim sofrem uma constante mudança de forma usando submetidos a tal tensão (BAUMAN, 2001, p.07).

Essa mudança de forma constitui o fluxo, uma das principais características dos fluidos. Ao contrário, o sólido não sofre o fluxo e pode voltar a assumir sua forma original. Os fluidos não se predem a uma forma, estão sempre prontos a mudar e, por isso, são dotados de grande mobilidade. Essa mobilidade é associada à ideia de leveza, que por sua vez pode ser atrelada à de inconstância. Por esse motivo, a fluidez parece para Bauman (2001), a principal metáfora para o estágio da presente era moderna.

À medida que a modernidade se alarga, não atinge seu principal alvo, que seria dar sentido à vida ou liberdade às pessoas. Este pensamento nos leva refletir que o grande desenvolvimento que a modernidade inicia no âmbito intelectual, moral, econômico, social, representa um altíssimo custo para o ser humano; pois o desenvolvimento social promovido pelo alargamento econômico permite que tanto o dinheiro quanto o poder sejam mediadores das relações humanas, estabelecendo entre si a exploração do outro, tendo como alvo o progresso da sociedade.

A modernidade pode ser então pensada como um processo de destruição criativa que desenraizava o velho para reenraizá-lo de outra forma. Segundo Bauman (2001), o momento atual da modernidade é caracterizado justamente pela dissolução das forças ordenadoras que permitiam ativamente reenraizar e reencaixar os antigos sólidos em novas formas sociais modernas.

Assim, os padrões sociais de referência que marcavam a ordem social da modernidade tornaram-se liquefeitos; a classe, o Estado-nação, a cidadania, juntamente com a livre expansão global das forças de mercado e o retrocesso da veia totalitária da ordem moderna libertaram os indivíduos de seus grilhões atados a uma ordem rígida e racional-instrumental. Bauman argumenta que:

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p. 12).

Para Bauman (2001) a modernidade entrou numa fase aguda de privatização e individualização que desvinculou os poderes de derretimentos dos sólidos da tradição de seu reenraizamento na ordem moderna, e, dessa forma, possibilitou uma fusão entre a construção individual da vida, a política-vida e a construção política da sociedade.

O fenômeno mais aparente dessa desvinculação é o processo de desregulamentação política, social e econômica que se manifesta na expansão livre dos mercados mundiais, no desengajamento coletivo e esvaziamento do espaço público. Na modernidade líquida os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhes possibilitassem, ao mesmo tempo, construir sua vida e se inserir dentro das condições de classe e cidadão.

Chega-se, no entender de Bauman (2001), à era da comparabilidade universal, onde os indivíduos não possuem mais lugares pré-estabelecidos no mundo onde poderiam se situar, mas devem lutar livremente por sua própria conta e risco para se inserir numa sociedade cada vez mais seletiva econômica e socialmente.

Sendo assim, o poder na era da liquidez não é mais aquele que se materializava na disciplina da fábrica fordista. O poder agora é extraterritorial, o seu objetivo não é mais impor à sociedade um ordenamento rígido, mas simplesmente, através de uma aceleração compulsiva do tempo e do domínio total do espaço, expor todos os lugares do planeta à livre ação da globalização econômica do mercado capitalista.

Os indivíduos comuns, a massa de pessoas que compõem o restante da pirâmide social, são submetidos a um Estado ordenador total na modernidade sólida. Eles poderiam ter a liberdade de construir suas vidas individualmente, mas os parâmetros sociais estavam dados, essa construção somente poderia ser feita a partir deles. De

acordo com Bauman (2001), no momento da modernidade líquida, os indivíduos foram justamente condenados a serem livres.

A segurança da ordem social, dada na modernidade sólida, que poderia garantir um seguro coletivo contra os infortúnios individuais, se liquefez jogando aos indivíduos a solitária responsabilidade pelos seus problemas. A insegurança em relação ao futuro decorre justamente do fato de que o poder moderno não é mais público (voltado para manutenção e segurança do mundo público), mas é privatizado, contingente e, para os indivíduos.

Assim, esta racionalidade existente nesta sociedade, privilegiando a individualidade e beneficiando uma sociedade voltada para o consumo, não só desenvolveu novas formas de vida, como favoreceu a relação trabalho-consumo. Constrói-se dentro deste modelo uma visão de mercado, que visa ao lucro e esconde a riqueza e oportunidades de poucos em relação à miséria e impossibilidade de muitos, uma ética indiferente à vida humana, em favor de um avanço tecnológico que ameaça o bem-estar do indivíduo. É essa discussão que traremos no tópico que segue.

3.4 CONSUMISMO À LUZ DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Vivemos em um mundo onde o fluxo de informações nos bombardeia em questão de segundos. A cada novo minuto é descoberto um novo tipo de cura de alguma doença, um novo tipo de espécie é encontrada, teoria são feitas e desfeitas. Esse bombardeio parece nos levar a uma corrida contra o tempo e contra o medo de sermos deixados para trás. Num mundo em constante mudança, como entender o que acontece quando tudo muda em questão de milésimos de segundos?

Diante de múltiplas mudanças sociais, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman nos envolve em sua gama de pensamentos, além de nos emprestar seu olhar microscópico sobre as mais diversas questões da nossa atual sociedade. Nesse tópico discutiremos sobre o consumismo, e como ele está sendo crucial para as rápidas transformações no nosso planeta.

No âmbito atual, a situação da vida societária está baseada no consumo. Segundo Bauman (2007), enquanto a sociedade de nossos antepassados era composta por

produtores, a nossa está sendo formada por consumidores; é uma sociedade de consumo, onde o consumismo está intrinsicamente ligado à nossa cultura. O autor ressalta que consumismo e consumo são ações distintas, sendo o consumo uma condição humana, é algo que persiste em nossa comunidade e uma atividade de sobrevivência que os seres humanos compartilham.

O consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que todos nós humanos compartilhamos (...) (BAUMAN, 2007, p. 37).

Já o consumismo chega quando o consumo assume o papel de “centro do cosmo” em nossa sociedade. Bauman afirma que o consumismo é um tipo de arranjo social, resultante das reciclagens de vontades, desejos e anseios humanos, transformando-os e transmutando-os na principal força propulsora e eficaz da sociedade.

Bauman (2001, 2005) utiliza termos como vida líquida e modernidade líquida para classificar a sociedade atual, onde as ocasiões são feitas premeditadamente para serem efêmeras, já que vivemos em tempos frenéticos, com objetos de pouca vida útil, sendo facilmente descartados, pois tendem a ser facilmente repostos. Segundo o sociólogo, a população é encantada em quebrar recordes, procuram melhorias e buscam a mudança frequente, além de viver um mundo que visa só o tempo de agora, sem muitos planos para o futuro. O autor vê essas mudanças muitas vezes como um elemento negativo, fundamentado que para cada evolução da sociedade, por exemplo, o tecnológico, perde-se algo, como contato pessoal e confiança que as relações pessoais requerem.

Para Bauman (2008) o consumo que era vivenciado pela antiga sociedade de produtores, tornou-se o consumismo, o qual é vivenciado pela sociedade de consumidores, quando a necessidade que antes sustentava a economia foi substituída pelo desejo dos indivíduos. Dessa forma, Bauman explica que esses desejos regem a economia eminentemente capitalista, os quais são constantemente levados ao nível de insatisfação, visto que a frustração destes é de suma importância para a movimentação da economia capitalista. Para o autor,

O mundo está cheio de possibilidade, é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia provar de todos. Os comensais são os consumidores, a mais custosa e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um

consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha. “Será que utilizei os meios à minha disposição da melhor maneira possível”? É a pergunta mais assombrosa e causa insônia ao consumidor. (BAUMAN, 2001, p. 38).

Ainda, para Bauman (2008), a sociedade de consumo, chamada assim por ele, tem por propósito a satisfação das urgências humanas, bem como a comodidade relacionada ao consumidor, já que nessa sociedade as culturas alternativas são rejeitadas perante o estilo de vida proposto estrategicamente pela sociedade capitalista. Segundo ele,

A “sociedade de consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. “Uma escolha viável e, portanto, plausível – e uma condição de afiliação”. (BAUMAN, 2008. p. 54).

Na comunidade moderna, portanto, o ato de consumo é o que estabelece as relações de poder. “É preciso primeiro se tornar uma mercadoria para ter uma chance razoável de exercer os direitos e cumprir os deveres de um consumidor” (BAUMAN 2008, p.55). Dessa forma, a sociedade é sujeitada às vontades do mercado e, por conseguinte seguindo os padrões impostos pelas publicidades, as quais são diretamente ligadas às inovações do mundo consumidor.

A lógica consumista também é baseada na ganância, ou seja, quanto mais se tem, mais se deseja ter. Consequentemente essa lógica é impulsionada por meio de campanhas publicitárias, as quais possuem vasta e eficiente propagação pela internet. Ainda de acordo com Bauman,

O ritmo vertiginoso da mudança desvaloriza tudo o que possa ser desejável e desejado hoje, assinalando-o desde o início como o lixo de amanhã, enquanto o medo do próprio desgaste que emerge da experiência existencial do ritmo estonteante da mudança instiga os desejos a serem mais ávidos, e a mudança, mais rapidamente desejada... (BAUMAN, 1996, p.135).

Segundo o estudioso polonês, usamos os mais variados recursos para acelerar as satisfações das necessidades. O ponto crucial da discussão é que essas necessidades não são outras senão aquelas criadas pelo capital, e elas são renovadas no mesmo ritmo desenfreado em que são satisfeitas. Quando os nascimentos de desejos são abreviados, e o tempo até sua satisfação também se torna mais curto, o resultado é que encurtam o tempo de vida dos objetos de desejo, ao mesmo tempo em que suavizam e aceleram sua viagem em direção à pilha de lixo.

Ao analisar a contemporaneidade, Bauman (2008) nota que vivemos um ritmo acelerado de renovação, que envelhece os objetos mesmo antes deles saírem da fábrica, ou seja, tudo tem data de validade afixada. E isso vale tanto para os objetos como para um movimento cultural, uma obra de arte, uma relação comercial, e mesmo uma relação amorosa, denominada por ele de relações líquidas.

3.5 RELAÇÕES LÍQUIDAS

Os relacionamentos modernos já não são mais tão duradouros como antigamente. Percebe-se a cada dia um número maior de casais que se separam. Segundo os dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2006), os divórcios e separações judiciais não param de aumentar a cada ano no Brasil e no mundo.

Com o fim das categorias universais, com a queda do sentido da tradição, com a desestrutura dos paradigmas da modernidade e com as mudanças que o capitalismo vem sofrendo, incidiu uma ênfase de certos aspectos da modernidade como o consumismo, o individualismo, além da valorização cada vez maior das tecnologias e da autoridade das ciências em todos os aspectos da vida humana.

Segundo Bauman (2001), a Modernidade Líquida inicia quando o espaço e o tempo são afastados da prática da vida e entre si. Com a tecnologia todos os limites à velocidade do movimento poderiam ser infringidos e o tempo moderno com sua flexibilidade e expansividade torna-se o fundamental instrumento do poder e da dominação. O esvaziamento do espaço e do tempo como eram anteriormente concebidos, gerou o desagregamento do mundo fazendo com que a instantaneidade

trouxesse uma transformação radical nos arranjos do convívio humano e nas condições sociais. Acerca disso o autor aponta:

Quando você sai de casa e se encontra na rua, num bar ou num ônibus, interage – queira ou não – com as pessoas mais diversas, as que lhe agradam e as que lhe desagradam, as que pensam como você e as que pensam de modo distinto. Não pode evitar o contato e a contaminação, está exposto à necessidade de confrontar a complexidade do mundo. Esta própria complexidade não é uma experiência prazerosa e obriga a um esforço. A internet é o contrário: permite não ver e não encontrar todos os que são diversos de você. (BAUMAN, 2016).

Desta forma, a desintegração da rede social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder; qualquer rede densa de laços sociais em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é uma barreira a ser eliminada. O que se caracteriza nessa relação de tempo e espaço da Modernidade Líquida é a fragilidade e a imediatização dos laços e redes de relações humanas.

Assim, em um mundo frágil e imediatista, os laços humanos se compõem precariamente. A fluidez da Modernidade Líquida se revela através da vulnerabilidade, instantaneidade, efemeridade e precariedade das relações humanas. As pessoas estão desconectadas, sem redes de relação de apoio, sentindo-se perdidas e necessitadas de criar laços afetivos.

A modernidade líquida em que vivemos traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos – um amor líquido. A segurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos (BAUMAN, 2004, p.21).

Como afirma Bauman (2004), os laços afetivos são frouxamente atados para que possam ser desfeitos sem maiores dificuldades, uma vez que se evita tudo que é sólido e durável; as pessoas procuram se relacionar, mas não estão dispostas a se esforçar pela continuidade e a duração de suas relações. Para ele, os seres humanos do mundo líquido:

são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por relacionar-se. E, no entanto desconfiados da condição de estar ligado, em particular de estar ligado permanentemente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não consideram aptos nem dispostos a suportar e que podem limitar

severamente a liberdade de que necessitam para relacionar-se...
(BAUMAN, 2004, p.8).

Nessa perspectiva, Bauman (1999) aponta que a luta pelo controle e ordenação marcam todo o andamento da modernidade, o desviar-se do caos a todo custo, não importando o que se faça para mantê-lo longe. A ambivalência era convvida como desordem e caos. Já na Modernidade Líquida a ambivalência se torna um forte traço que transcorre e até mesmo molda todas as relações. Com a quebra dos grandes paradigmas que orientavam o mundo, a ambivalência que se faz presente não é entre duas coisas, mas são várias coisas coexistindo, suscitando angústia e outros mal-estares próprios. Para o autor citado, a Modernidade Líquida busca a ordem ao mesmo tempo em que institui o caos.

Nesse mundo liquefeito, onde tudo se remete ao individualismo, o consumismo se coloca como saída para todas as questões modernas. Tudo é resolvido como num cenário de “*fast foods*”, como se houvesse uma vastidão de soluções prontas para serem consumidas a gosto do freguês.

Nesse sentido, o consumismo torna-se supervalorizado, manifestado acima de tudo como a plenitude da escolha do consumidor e como a aptidão de tratar qualquer decisão na vida como uma escolha. Mas, a liberdade de escolher atribui sobre aqueles que escolhem as consequências de tais escolhas. Diante de um imperativo de ter que se conhecer tudo, a escolha torna-se algo negativo, pois implica em deixar algo para ficar com outro algo. A melhor escolha seria poder escolher tudo, podendo ser traduzido num excesso.

A instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e a remoção, também instantânea, de seus objetos, harmonizam-se bem com a nova liquidez do ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser conduzidas no futuro previsível
(BAUMAN, 2008, p. 45).

Assim, o consumismo somado à instantaneidade, produz uma apatia em relação à duração e decompõe a imortalidade de uma ideia numa experiência e faz dela um objeto de consumo imediato; é o modo como se vive o momento que faz desse momento uma experiência única.

Percebe-se naturalmente que os valores da Modernidade Líquida são altamente ambivalentes e que tendem a provocar reações incoerentes. Assim como se dá a relação entre sujeito-objeto (se consume o objeto, utiliza-se o objeto) também se dá a relação sujeito-sujeito (se consume o outro e utiliza-se o outro como meio para satisfazer uma finalidade). Sobre a relação de amor Bauman afirma o seguinte:

A parceria é somente uma coalizão de “interesses com fluentes”, as pessoas vêm e vão, as oportunidades batem à porta e desaparecem novamente logo após serem convidadas a entrar, as fortunas aumentam e diminuem, e as coligações tendem a ser flutuantes, frágeis e flexíveis. As pessoas buscam parceiros a fim de escapar a aflição da fragilidade, só para descobrir que ela se torna ainda mais aflitiva e dolorosa do que antes. O que se procurava/ansiava/esperava ser um abrigo contra a fragilidade revela-se sempre como a sua estufa (BAUMAN, 2004, p. 41).

Nos relacionamentos, a ideia do casamento que dura para sempre é substituída pela ideia de que seja eterno enquanto durar o relacionamento. Cada relacionamento amoroso é uma das muitas experiências que se tem ao longo da vida e, caso este venha a acabar, fica o sentimento de que tal experiência foi válida. Desta forma, também os relacionamentos amorosos passaram a serem objetos transitórios.

Busca-se a vivência intensa de cada ocasião, como se cada um fosse o último, pois na verdade não há garantias de quanto tempo a relação irá durar. E como já está imposto pelo consumismo que os objetos e os relacionamentos são transitórios, a concordância do fim da relação amorosa fica mais simples. Parece haver uma maior aceitação do fim do relacionamento, uma vez que diante das estatísticas de que grandes partes dos casamentos acabam em separação, estes passam a ser notados como se houvesse um prazo de validade.

Ao decorrer do capítulo percebe-se as várias mudanças ocorridas ao longo da história da modernidade. O cerne desse trabalho é analisar tais mudanças no cenário que caracteriza a infância, e para chegarmos nesse assunto, é necessário compreender com se deu a concepção da mesma.

4 CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE INFÂNCIA

Quando se fala em infância, não se pode referir a esta etapa da vida como uma abstração, e sim como um conjunto de fatores que institui determinadas posições que incluem a família, a escola, pai, mãe, entre outros que colaboram para que haja determinados modos de pensar e viver a infância. A respeito disso, a sociedade vem criando conceitos e modelos para a infância, além de mecanismos que a valorizem. Este capítulo abordará essa ideia.

4.1 UMA CONCEPÇÃO HISTÓRICA DA INFÂNCIA

A concepção histórica do sentimento de infância foi apresentada em distintos significados ao longo do tempo, a partir das relações sociais e não apenas em cargo das especificidades da criança. A infância existiu desde o princípio da humanidade, mas o seu entendimento como uma categoria e construção social deu-se a partir do século XVI até o século XVIII. Essa datação do aparecimento da infância pode ser analisada nos escritos de Carvalho, que afirma:

A aparição da infância ocorreu em torno do século XIII e XIV, mas os sinais de sua evolução tornaram-se claras e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVIII no momento em que a estrutura social vigente (Mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância. (CARVALHO, 2003, p. 47)

Nesta perspectiva, em relação à história social da infância na Europa, no andamento em que a posição da criança aparece na arte e nas escritas dos séculos XV, XVI e XVII, Ariès (1973) diz que a infância foi uma invenção da modernidade. O autor registra o sentimento de infância como uma consciência da criança decorrente de um procedimento histórico, e não uma herança tradicional. Portanto, é importante compreender a construção histórico-social na qual o significado da infância desenvolveu-se, buscando, a partir desse pensamento, em análise, entender como a ciência, o mercado e a tecnologia influenciaram este significado.

Ariès (1973) articula que na Idade Média as crianças eram tratadas como adultos em tamanho menor e não havia acomodação ou vestimenta especial para elas. Esta não separação remete a outra propriedade deste período: a inexistência do conceito de privacidade. Assuntos e brincadeiras envolviam crianças e adultos, não havendo

assim uma definição entre o significado de ser de cada um. Ariès assim descreve essa falta de consciência da Idade Média sobre a particularidade infantil:

Na sociedade medieval o sentimento de infância, não existia o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde a consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem (ARIÈS, 1973 p. 156).

Como exposto, Ariès (1973) afirma que o sentimento de infância não existia na Idade Média, e a ela não se dispensava um tratamento específico adequado à consciência infantil e as suas peculiaridades que a diferenciava dos adultos. Tão logo a criança não precisasse mais da mãe ou da ama, ela já era inserida na sociedade dos adultos e assim participava de jogos, de afazeres domésticos ou trabalhava como aprendizes.

As roupas infantis eram incômodas e parecidas à do adulto. Essas vestimentas impossibilitavam à criança a liberdade de movimento, tirando-lhe o deleite em correr, sujar-se, subir em árvores, podendo de tudo aquilo que faz parte do mundo infantil como o conheceu na atualidade.

Ainda em relação à carência de um tratamento específico dado às crianças, Postman (2011) ressalta que nesse período não havia uma literatura infantil, nem mesmo livros de pediatria, a linguagem também era a mesma tanto para adulto quanto para a criança. Segundo ele,

“[...] no mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem sequencial, nenhuma concepção de escolarização como preparação para o mundo adulto” (POSTMAN, 2011, p. 29).

Outro cenário que denuncia a forma como os medievais desconheciam as crianças diz respeito ao alto indicante de mortalidade infantil e a aceitabilidade passível em relação a esse fato. A morte da criança nesse período, decorrente da falta de cuidados básicos e de higiene era considerada um acontecimento comum. A ideia da época era de ter vários filhos para que talvez sobrevivessem dois ou três.

Nesse cenário, a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança, no caso da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança (ARIÈS, 1973, p. 21).

Conforme Ariès (1973) o sentimento de infância pode ser percebido em dois momentos separados. Um que surge no seio familiar entre os séculos XVI e XVII denominado de “paparicação”, onde a criança é vista como um objeto qualquer de diversão, reduzindo-a a fonte de prazer aos olhos dos adultos. O outro sentimento nasce em aversão ao primeiro, no final do século XVII no contexto eclesiástico chamado de moralização.

A igreja, contrária a idealizar a criança como brinquedo fascinante, preocupou-se em discipliná-la dentro dos princípios morais agregados aos cuidados de saúde e higiene. Esse novo sentimento associou um novo elemento: a preocupação com a saúde física e higiênica de suas crianças, conforme diz Heywood:

Pode-se apresentar um argumento contundente para demonstrar que a suposta indiferença com relação à infância nos períodos medieval e moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação de filhos. Os bebês abaixo de 2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um “pobre animal suspirante”, que tinha tantas probabilidades de morrer com pouca idade (HEYWOOD, 2004, p.87).

Heywood (2004), estudioso norte americano, tece algumas críticas ao estudo de Ariès. Ele analisa ser muito simplista afirmar que em uma determinada época e espaço não se tinha um sentimento de infância, expressão essa que segundo Heywood se configura ambígua por transmitir-nos tanto a ideia de uma consciência da infância quanto de um sentimento em relação a ela.

Para Heywood (2004), a concepção de infância existe em diferentes conjunturas, sendo caracterizada por um processo dialético de idas e vindas, avanços e retrocessos, não é uma construção linear, mas sinuosa. Heywood destaca que fatores políticos, econômicos e sociais que já ocorreram e continuam a acontecer na sociedade ocasionam mudanças no modo de idealizar a infância, levando ao entendimento de diferentes tipos de infância. Considerando que dentro de uma sociedade as crianças vivem em diferentes contextos, é mais eficaz que busquemos diferentes concepções sobre a infância em tempos e lugares distintos.

Várias maneiras mostraram a mudança de paradigmas entre a Idade Média e a Moderna. Segundo Ariès (1973) o século XVII configura-se como um momento de grande importância para o progresso dos temas relacionados à infância. Segundo o

mesmo autor, a partir do Século XVII a criança começa a ser retratada sozinha e sua expressão é menos desfigurada que na Idade Média.

Conforme Áries (1973) começa também neste período os primeiros esboços sobre a psicologia infantil. Estes estudos procuravam abranger melhor a mente da criança para melhor adaptar os métodos empregados na educação. Uma grande revolução acontece no final do século XVIII: o modo de vestir as crianças se diferencia das vestimentas dos adultos. Nesse sentido o autor salienta que “[...] foi preciso esperar o fim do século XVIII para que o traje das crianças se tornasse mais leve, mais folgado, e a deixasse mais à vontade” (ÁRIES, 1973, p.33).

Esse novo modo de vestir dava às crianças a maior liberdade de movimento, deixando-lhe que o correr, o pular e afins, fizessem parte do seu mundo e assim adotassem seu ritmo. Com essas transformações, aos poucos a sociedade foi deixando de ver a crianças como um adulto em miniatura.

Os séculos XVII e XVIII, que observam a essas mudanças profundas na sociedade, compõem o período histórico em que a moderna ideia da infância se concretiza definitivamente, assumindo um carácter distintivo e constituindo-se como referenciadora de um grupo humano que não se caracteriza pela miniaturização do adulto, mas por uma fase própria do desenvolvimento humano.

Dentre os estudiosos da infância do século XVIII, deparamos em Rousseau uma grande contribuição. Rousseau através da obra *Emílio, ou, Da Educação* ressalta que a criança necessita ser vista em seu próprio mundo e não como uma simples projeção do adulto. Para ele,

A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos temporões, que não estarão maduros e nem terão sabor, e não tardarão em se corromper; teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas [...] (ROUSSEAU, 2004, p. 91).

Ao afirmar essa visão, Rousseau (2004) dá início a uma construção de um conceito moderno de infância, como o início do despir-se de velhos conceitos e a possibilidade de um novo olhar sobre a criança. Rousseau não entendeu a criança

como um adulto em miniatura, mas via a criança em si mesma, considerando suas manifestações próprias e a capacidade imaginativa e criativa.

Para ele cada idade, cada estado da vida tem sua perfeição conveniente, o tipo de maturidade que lhe é própria. Rousseau refere-se à infância como um período agradável em que a criança tem maneiras espontâneas, é feliz e inocente. Para ele a infância é uma etapa com características próprias às quais devem ser cultivadas de forma a colaborar para o desenvolvimento da inteligência da criança.

O autor antecipou teorias sobre o desenvolvimento cognitivo e moral da criança, quebrou protótipos e desencadeou novas concepções sobre a criança e a infância, reconhecendo que a criança tem seu próprio mundo e que é preciso compreendê-la a partir das próprias características delas.

4.2 CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS DA CRIANÇA

Portanto, vimos que a maneira de compreender a criança e a infância tem passado por grandes evoluções, que são percebíveis na literatura produzida nas últimas décadas, bem como nos distintos documentos oficiais elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC.

O Parecer 022/1998, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – DCNEI, ao citar a concepção de criança desbrava um novo olhar e nos mostra as especificidades do ser criança ao afirmar que elas “são seres humanos portadores de todas as melhores potencialidades da espécie”:

*inteligentes, curiosas, animadas, brincalhonas em busca de relacionamentos gratificantes, pois descobertos entendimento, afeto, amor, brincadeira, bom humor e segurança trazem bem estar e felicidade;

*Tagarelas, desvendando todos os sentidos e significados das múltiplas linguagens de comunicação, por onde a vida se explica;

*inquieta, pois tudo deve ser descoberto e compreendido, num mundo que é sempre novo a cada manhã;

*encantadas, fascinadas, solidárias e cooperativas desde que o contexto ao seu redor, e principalmente, nós adultos/educadores, saibamos responder, provocar e apoiar o encantamento, a fascinação, que levam ao conhecimento, à generosidade e à participação (BRASIL, 1998).

Nesta mesma ideia, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI destaca que:

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. [...] As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos (BRASIL, 1998, p. 21).

Podemos perceber que as maneiras de ver as crianças vêm se complementando a cada reflexão, nos quais se abrange a visão se expande em busca de melhor compreendê-las para melhor expressar ou, até mesmo, traduzir de forma mais característica possível o que de fato a criança é na contemporaneidade. Nessas mudanças conceituais o Parecer 020/2009, que trata da revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, ao referir-se à concepção de criança, enfatiza que ela:

[...] é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adulto e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.7).

Portanto, analisamos que essa nova concepção de criança e essa construção histórica tem possibilitado um novo olhar sobre a criança e tem inserido ela cada vez mais em um contexto social mais amplo, que compreende nela um ser ativo, histórico, social que constrói e reconstrói cultura, que tem opinião, que manifesta seus interesses, curiosidades e desejos, demonstra autonomia em suas escolhas e quer ser ouvida e consultada sobre as situações que lhes são particulares. O seguinte capítulo analisará essa temática em consonância com a era digital.

5 A CONSTRUÇÃO DE NOVAS INFÂNCIAS NA ERA DIGITAL

Atualmente as crianças demonstram muita afinidade com a tecnologia digital. Tanto que essa geração é conhecida como “nativos digitais”, por deixarem de lado os brinquedos e as brincadeiras “tradicionais”, e procurarem diversão em celulares, videogames, computadores, tablets, smartphones, etc.

Nesse último capítulo será tratada a questão das mudanças causadas pelas tecnologias digitais no meio da infância e também abordará a questão do consumo - que se é entendido nos escritos de Bauman como os maiores atuentes da nova era moderna.

5.1 INTERNET: A VEIA AORTA DA ERA DIGITAL

A evidente mudança social vivenciada nos últimos anos tem revelado características de como a sociedade tem buscado cada vez mais a integração das pessoas e de suas culturas. Por um lado, o processo de globalização tem oportunizado que pessoas e produtos possam transitar de um lado a outro do planeta, compartilhando hábitos e culturas de regiões tão diferentes; por outro lado, visualizam-se grupos sociais que buscam registrar e fortalecer suas próprias culturas.

A sociedade da informação é abarcada por Lévy (1996) a partir da cybercultura, na qual o digital e o virtual tem um impacto direto nas formas como nos comunicamos e lidamos com o conhecimento. Nossos mundos e as nossas relações sociais estão se tornando digitais, ou incorporando o digital no cotidiano, provocando uma série de mudanças em nossas ações e costumes diários.

Contudo, Castells (2007) afirma que não é a tecnologia somente que está mudando a sociedade, já que a tecnologia é consequência do próprio dinamismo social e de sua busca pela sobrevivência. Para o autor, a tecnologia também está sofrendo avanços. As mudanças sociais são decorrentes dos meios de compreensão da vida, como também das relações entre as pessoas e a maneira que encontram para o desenvolvimento da economia, da saúde, da educação e da sua própria evolução.

A internet em sua particularidade é o meio de comunicação e de relação sobre a qual se fundamenta uma nova forma de sociedade, chamada por Castells de sociedade em rede. Essa rede tem uma geografia própria:

A era da internet foi aclamada como o fim da geografia. De fato, a internet tem uma geografia própria, uma geografia feita de redes e nós que processam o fluxo de informação gerado e administrado a partir de lugares. Como a unidade é a rede, a arquitetura e a dinâmica de múltiplas redes são as fontes de significados e função para cada lugar. (CASTELLS, 2003, p.170).

As tecnologias de informação e comunicação tornaram possível uma mobilidade conectada dos indivíduos. As comunidades virtuais, por exemplo, são como as comunidades físicas, contudo possuem outro tipo de conexão e de relações. São comunidades de pessoas baseadas em interesses individuais e nas afinidades e valores das pessoas (CASTELLS, 2003); ou seja, são redes de afinidades. Essa constituição de redes pessoais é, na opinião de Castells, o que a internet permite desenvolver mais fortemente.

A sociabilidade está se transformando através daquilo que alguns chamam de privatização da sociabilidade, que é a sociabilidade entre pessoas que constroem laços eletivos, que não são os que trabalham ou vivem em um mesmo lugar, que coincidem fisicamente, mas pessoas que se buscam: eu queria encontrar alguém que gostasse de andar de bicicleta comigo, mas primeiro tenho que procurar esse alguém. Por exemplo: como criar um clube de ciclismo? (CASTELLS, 2003, p. 274).

A internet se tornou a veia aorta dos meios de comunicação de massa. Ela canaliza as informações sobre o que acontece em várias mídias, por isso, é um sistema multimídia. Seu surgimento possibilitou mudanças nos meios de comunicação: as pessoas passaram a trabalhar também com a plataforma web, alimentando e sendo alimentados por informações e conteúdos que circundam nesse ambiente comunicativo. A internet estimulou uma comunicação horizontal, de cidadão a cidadão, onde cada um pode criar seu sistema próprio de comunicação. “Pela primeira vez, há uma capacidade de comunicação maciça, não mediatizada pelos meios de comunicação de massa” (CASTELLS, 2003, p. 286), destaca o autor:

Constitui a base material e tecnológica da sociedade em rede; é a infraestrutura tecnológica e o meio organizativo que permitem o desenvolvimento de uma série de novas formas de relação social que não têm sua origem na internet, que são fruto de uma série de mudanças históricas, mas que não poderiam desenvolver-se sem a Internet. (CASTELLS in Moraes, 2003, p.286 e 287).

Na busca do entendimento da cultura digital, a internet indica um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando

em maior ou menor escala todos os aspectos das ações humanas, sendo importante para entender as mudanças nas relações sociais e no modelo de vida da sociedade, inclusive das crianças.

5.2 MODERNIDADE LÍQUIDA E AS NOVAS INFÂNCIAS EM CONSTRUÇÃO

A modernidade líquida segundo Bauman (2004) urge por mudanças constantes e leva ao indivíduo a uma busca implacável pela felicidade. Segundo o autor, a ausência de felicidade parece ser inadequada, em um mundo onde esta é “facilmente alcançável” pelas promessas do consumo, de transformação da identidade. Para o autor citado,

As mudanças se tornam imprescindíveis, em um intervalo de tempo mais curto do que aquele necessário para que estas possam ser consolidadas. Todos precisam mudar, não apenas as organizações, mas especialmente os indivíduos, que acabam constantemente se avaliando, se cobrando e cada vez se tornam mais insatisfeitos consigo mesmo. (BAUMAN, 2007. p.68).

Os estudos de Bauman acerca da modernidade líquida também possibilitam pensar sobre o consumo, enquanto fenômeno que cresce com intensidade no mundo moderno e incide sobre a construção das infâncias. Em seus escritos (BAUMAN, 2008), o autor enfatiza o crescimento do consumo e sua centralidade na definição das formas de sociabilidade e dos modos de vida. Segundo Bauman,

Tão logo aprendem a ler, ou talvez bem antes, a “dependência das compras” se estabelece nas crianças. Não há estratégias de treinamento distintas para meninos e meninas – o papel de consumidor, diferentemente do de produtor, não tem especificidade de gênero. Numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar o consumo como vocação). (BAUMAN, 2008, p.76).

Ao considerar as formas de configurações do mundo moderno, Bauman também incita a reflexão acerca do lugar ocupado pelas crianças nas sociedades orientadas pelo consumo. Como ele próprio afirma que o papel de consumidor, de modo distinto do de produtor, não se restringe a idades (BAUMAN, 2008). Ao contrário do que acontece no campo da produção, a participação das crianças no campo do consumo não é tardada, mas se estabelece e se intensifica no tempo presente, vivido de forma acelerada e fugaz. Assim, as crianças assumem uma posição estratégica como consumidores atuais e futuros, que nasceram e vivem imersos num ambiente social em que as demandas de consumo se renovam de forma constante.

O mercado de consumo, cada vez mais acelerado, em que “a maioria dos bens valiosos perde seu brilho e sua atração com rapidez” (BAUMAN, 2008, p.54) captura as crianças desde muito cedo. Ensinamos a elas a consumir; pois elas já nascem em uma sociedade dita do consumo.

Com todo seu aporte teórico, o autor Zygmunt Bauman não se especifica a tratar da infância, mas quando ele fala em sociedade, entende-se que as crianças também estão inseridas em suas teorias, principalmente quando admitimos que as infâncias estejam diretamente ligadas às dinâmicas sociais e não podem ser separadas da atual condição humana. As ferramentas empregadas por Bauman em suas análises sobre as configurações do atual mundo líquido-moderno são fecundas para pensarmos sobre as infâncias como fenômenos históricos e culturais suscetíveis às mudanças que caracterizam as sociedades.

É importante salientar que o termo infância aqui presente é utilizado no plural porque se compreende que vivenciamos diferentes realidades atualmente e que muitos são os tipos de infâncias e de crianças que devem ser reconhecidas legitimamente. Como afirma Dornelles:

Existem infâncias mais pobres e mais ricas, infâncias do Terceiro Mundo e dos países mais ricos, infâncias da tecnologia e dos buracos e esgotos, infâncias superprotegidas, abandonadas, socorridas, atendidas, desamadas, amadas, armadas, etc. Contudo, a modernidade ocidental, ao universalizar e naturalizar apenas uma destas infâncias como dependente e necessitando de proteção, passou a deixar de lado a sua diversidade. Em função disso, se acaba esquecendo que as infâncias são múltiplas e inventadas como produtos sociais e históricos. Muitas das crianças que vivem suas infâncias hoje fazem parte de um mundo em que explodem informações. (DORNELLES, 2005).

É nessa explosão de informações que uma nova forma de viver a infância é desvendada, a chamada “cyber-infância”. Dornelles (2005) analisa a cyber-infância como aquela afetada pelas novas tecnologias que vêm produzindo a infância.

As crianças descobrem no ciberespaço contexto para as suas brincadeiras; o que antes era quase exclusividade no campo físico, hoje é compartilhado com o campo virtual. À medida que a criança ganha afinidade com aparelhos tecnológicos (notebooks, tablets, celulares, e afins), aparece aí uma manifestação cultural. Não podemos esperar que as crianças de hoje tivessem o mesmo estilo de vida das

crianças de trinta anos atrás, que brincavam de brincadeiras de rua (pula-corda, baleado, amarelinha, pião); vivemos outra realidade, a vida adulta não é a mesma e, conseqüentemente, a vida infantil também não.

São novas formas de infâncias que proporcionam suas próprias particularidades. Muitas brincadeiras infantis daquela época permanecem, mas hoje se encontram integradas aos jogos virtuais, não acontecem mais no meio da rua e, sim, dentro das escolas e de casa. Assim, é preciso compreender que as mudanças nas infâncias vêm criando diversas possibilidades e transformando a maneira como as crianças constroem conhecimentos e interagem com o mundo. Para Bauman,

Não admira que a proximidade virtual tenha ganhado a preferência e seja praticada com maior zelo e espontaneidade do que qualquer forma de contiguidade. A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum. (BAUMAN, 2004).

As infâncias da era digital podem assim ser caracterizadas para além da afinidade das crianças com as novas tecnologias. Elas expandem também grande interatividade com os outros no ciberespaço e grande agilidade para procurar e processar mais afazeres e informações ao mesmo tempo. Desde muito cedo, elas se habituariam a utilizar as tecnologias; inclusive, para muitas, o computador se constitui em mais um brinquedo, pois nele há várias ferramentas de entretenimento.

Assim, por meio de suas curiosidades, elas buscam jogos e informações sobre o seu livro ou filme favorito, conhecem outras crianças do seu país e do mundo pelas redes sociais, formam novos laços afetivos (encontrando similaridades com crianças de outras culturas), diminuem distâncias e alteram a sua relação com o espaço e com o tempo.

Com relação às reflexões trazidas por Bauman (2001), o autor nos mostra que a instantaneidade e a velocidade do tempo se tornaram muito relevantes no estado líquido e que, de certa forma, elas foram intensificadas pelo uso e pela expansão das tecnologias digitais. Nesse contexto, as infâncias também se desenvolvem no berço dessa instantaneidade, a qual se constitui em um fenômeno integrante e formador de suas identidades, assim estabelecendo, suas maneiras de pensar e de agir.

Bauman refere-se a utilização da internet e sobre as relações online, indicando que estas são exemplos da liquidez dos laços sociais (BAUMAN, 2008). Para ele, o meio digital pode representar também um refúgio da vida real, uma vez que nos relacionamos com algumas pessoas apenas enquanto estamos conectados, no momento exato em que escolhemos nos relacionar com elas. Para o autor, “os internautas buscam, encontram e aproveitam os atalhos que levam diretamente do jogo da fantasia à aceitação social do faz-de-conta” (BAUMAN, 2008, pg. 60).

Também se faz necessário entender que muitas são as infâncias, nem todas dispõem do mesmo capital financeiro e de oportunidades, mas a prática do consumo está presente na maioria delas. Mesmo crianças com baixa renda fazem parte do mundo globalizado, consomem e têm contato com os mesmos desenhos animados, encontram formas de adquirir brinquedos e roupas de marca (mesmo não sendo “originais”), mas também participam da cultura do consumo e são cidadãs consumidoras.

Assim, as cyber-infâncias vêm adquirindo poder e, elas são um grande foco para o mercado. Presumir que crianças de baixa renda não fazem parte desta realidade é um erro comum, especialmente quando falamos no contato destas com as tecnologias digitais, com maior ou menor intensidade. Elas frequentam *lan houses*, utilizam o computador na escola ou em casa de familiares e amigos, enfim, encontram formas de se inserir e de atuarem na cybercultura.

Agora são nas *lan houses* informatizadas que se produzem as infâncias globalizadas e este é o espaço da cyber-infância, ou seja, da infância on-line, da infância daqueles que estão conectados à esfera digital dos computadores, dos games, do mouse, do self-service, do controle-remoto, dos joysticks, do zapping. Esta é a infância da multimídia e das novas tecnologias. (DORNELLES, 2005, p. 80).

Assim, para esta nova geração, a cybercultura vem adequando outras possibilidades, novos espaços onde as crianças se juntam em comunidades, buscam mais informações e soluções para suas dúvidas, com a ajuda de outros, informam-se sobre os eventos do mundo, da sua cidade e de temas de seu interesse, enfim, uma geração que está fortalecendo uma cultura participativa.

Ao mesmo tempo, por meio da participação, as crianças estão traçando estratégias para lidar com a globalização. Estão usando a Internet para se conectar a crianças do mundo todo e, desse modo,

encontrando interesses comuns e forjando alianças políticas (JENKINS, 2009, p.98).

Deste modo percebemos como as infâncias vêm sendo construídas diante de práticas consumistas de nossa sociedade líquido-moderna, o que significa que elas têm sido um objeto de desejo do mercado de consumo, pois é desde cedo que a criança é envolvida num universo de produtos. Um ideal de infância é produzido diante da lógica capitalista, ou seja, uma “infância que consome”. Para Buckingham (2007, p.113): “As crianças ganharam um novo status não apenas como cidadãos, mas também como consumidoras: elas são vistas como um mercado cada vez mais valioso [...]”.

A partir disso, podemos notar como vão sendo alastradas diferentes culturas infantis através dos tempos. Com o advento das tecnologias digitais, criança de dez anos atrás não pode ser comparada à de hoje, pois com a explosão da era digital, os modos de vida modificaram-se, criaram-se novos costumes, novos olhares, novos sistemas econômicos e as constantes transformações ocorridas na sociedade e na cultura dos seus membros produzem infâncias diferentes entre si, que não podem ser analisadas singularmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças da era digital também estão inseridas na modernidade líquida e desta condição humana exposta por Zygmunt Bauman. Elas não estão inacessíveis a essa realidade por serem crianças, pelo contrário, desde muito cedo suas vidas são comprometidas pela liquidez da atual modelo social. Afinal elas não são simples expectadoras do estado líquido, elas o vivenciam e também o reproduzem. São constituídas e constituidoras desse modo de vida.

Porém, é preciso compreender que esta é uma nova organização social e que nela novas dificuldades e desafios surgirão em decorrência do modo de vida atual. Como estes sujeitos saberão lidar com as diversas situações e a continuação ou não do estado líquido, é impossível prever, mas é preciso ponderar que esta nova forma de organização social que se desenvolve, também desenvolve novas infâncias. Elas já vivem e coexistem com a modernidade líquida desde os seus primeiros minutos de vida, ou seja, por elas fazerem parte desta realidade, têm mais possibilidade de buscar e criar diferentes saídas para enfrentar os problemas e as dificuldades de nossa época.

Esse trabalho foi moldado no pensamento de um sociólogo, pois assim foi compreendido que ao longo do curso de pedagogia a sociologia foi pouco referenciada e discutida, e de certa forma, deixa de lado no que se diz respeito à formação de professores. É de fundamental valor tratá-la com mais atenção, pois a sociologia é uma ciência necessária para analisar as diversas mudanças ocorrentes na sociedade e fundamental para a construção do pensamento crítico. Bauman (2010, p. 24) diz que: “pensar sociologicamente é dar sentido à condição humana, por meio de uma análise das numerosas teias de interdependência humana”.

Como foi dito, estamos inseridos em uma sociedade em um ritmo tão acelerado de mudanças, o professor deve estar preparado para tais, assim como Hannoun (1998) argumenta que o educador deve fazer uma aposta enactada, ou seja, uma aposta que exige que se pense em seu projeto e que aja para participar de seu sucesso. A aposta enactante não se contenta em ser uma mera expectadora, ela não formula uma pergunta ao mundo exterior e espera pela resposta. Ela pensa em seu projeto como válido e age no sentido de que ele vá se tornar válido. Esse projeto que

Hannoun se refere são os meios em que o professor age para que a educação/aprendizagem capture o seu aluno.

Bauman (2005) aponta a educação e a aprendizagem como algo contínuo e para o resto da vida. Ele se baseia no exemplo do míssil balístico e do míssil inteligente. O míssil balístico foi pensado para acertar um alvo que não está em movimento, pois a sua bala, depois que disparada, não tem o poder de mudar de percurso. Já o míssil inteligente foi desenvolvido para o seu alvo que nunca para de se mover e muda de direção e velocidade, ao ponto que sua marcação do local deve ser constantemente atualizada. Assim no mundo líquido-moderno, a educação para ter alguma utilidade deve ser pensada para ser constante e que dure pela vida toda.

REFERENCIAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

BAUMAN, Zygmunt. Em Busca da Política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

_____. Entrevista ao **L'espresso**. Itália, fevereiro de 2016, traduzido por Antônio Martins.

_____. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **Vida Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Vidas Desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004

_____. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERMAN, Marchall. Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BORGES, Martha Kaschny; AVILA, Silvine De Luca. Modernidade líquida e infâncias na era digital. Cadernos de Pesquisa, São Luís, v. 22, n. 2, mai./ago. 2015.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília, DF: MEC, 1998.

_____. Senado Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília – DF. 05 de outubro de 1988.

BUCKINGHAM, D. Crescer na era das mídias eletrônicas. São Paulo: Loyola, 2007.

CAMBI, F. História da pedagogia. Tradução de Avaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CARVALHO, Eronilda Maria Góis. Educação infantil: percurso, dilemas e perspectivas. Ilhéus: Editus, 2003.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: A Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2003, v. 1.

DORNELLES, Leni Vieira. Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber. 2. Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.

HABERMAS, J. O discurso filosófico da modernidade: doze lições. Tradução Luiz Sergio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HANNOUN, Hubert. Educação: certezas e apostas. São Paulo. Unesp. 1998

HEYWOOD, Colin. Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2006.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LARA, A. M. B. Fases para elaboração do projeto de pesquisa. Revista Apontamentos, n. 7, Maringá: EDUEM, 2011.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo, SP, 1999.

MINAYO, M. C. de S. [et al.] (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio, ou, Da educação. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.